

Ecoturismo & Amazônia – biodiversidade, etnodiversidade e diversidade cultural

Troque seu bife por uma passagem para a Amazônia

“Dentro de alguns centos de anos, outro viajante, tão desesperado como eu, neste mesmo lugar, chorará o desaparecimento daquilo que eu teria podido ver e que não aprendi” Claude Levi-Strauss

1. A situação atual

Você é responsável pelo que acontece na Amazônia? Se você acha que sim, continue lendo, se você acredita que não, desista do ecoturismo! Se você, que é uma pessoa interessada no ecoturismo, não conhecer a Amazônia para valer, quem poderá se dedicar a seus caboclos, índios, florestas, águas e cultura?

Qual é o seu compromisso com a Amazônia? Efetivo, autêntico, compromisso de vida? Você é responsável pelo que acontece na Amazônia. Sim, é a sua decisão de consumo que determina o que acontece na última grande floresta do planeta. Cada vez que você come um pedaço de carne bovina é muito provável que você esteja engolindo um pedaço da Amazônia.

“Você já foi ao exterior?” “Você já visitou a Amazônia?” – Reiteradamente costumo fazer estas duas perguntas quando falo em público. Na maior parte das vezes, mais pessoas foram ao exterior do que à Amazônia. O Brasil não conhece a Amazônia. Pior, a Amazônia não conhece a Amazônia. Por quê? O brasileiro tem vergonha da Amazônia? Tem medo de enfrentar a sua ignorância? De não saber tratar o mais diversificado ambiente natural do globo?

A situação da Amazônia é dramática, tomada pela lógica da destruição e do sofrimento. Não se trata de palavras fúteis, fáceis e imprecisas – a Amazônia é mal tratada todos os dias, durante todo o dia, por todos nós brasileiros. Em 500 anos extinguímos 95% dos povos indígenas e jogamos a maior parte de seus habitantes na miséria. Em trinta anos conseguimos destruir 20% da maior floresta tropical do planeta – uma área superior a 800 mil km² (equivalente a toda a região Sul do país mais o estado de São Paulo). Se não bastasse, pelo menos 1% da floresta é abatida anualmente (área equivalente ao estado de Sergipe – 23.750 mil km² em 2002/2003). As queimadas são cada vez maiores, o roubo de madeira, a caça e a

pesca excessivas, a biopirataria, a invasão de terras, tanto por grileiros como por famílias em busca de um pedaço de chão para trabalhar. O caos está instalado.

Nada de novo. A ocupação da Amazônia repete o que ocorreu com os outros biomas brasileiros. A Mata Atlântica perdeu 93% de sua cobertura vegetal original e apesar da grande atenção pública e do papel dos órgãos fiscalizadores e das organizações ambientalistas continua a diminuir drasticamente. Sobre seus escombros vivem mais de 110 milhões de brasileiros.

O Cerrado perdeu 70% de sua cobertura vegetal em menos de meio século. A expansão da pecuária bovina e da agricultura deverão modificar, para sempre mais de 90% da região. Da mesma forma, a Caatinga, já perdeu mais de 80% de sua área original e continua a ser alterada. A Conservation International considera a Mata Atlântica e o Cerrado como duas das vinte e cinco áreas de grande biodiversidade planetária, prioritárias para a conservação da vida na Terra.

Por que este caos? Por que tratamos do sintoma da doença e não do doente. Tratamos da febre – o desmatamento, a queimada – e não das causas que promove o desmatamento e a dilapidação dos recursos naturais. Mais de 80% do desmatamento é devido à plantação de pasto para boi. O boi ocupa a Amazônia porque há gente interessada em comer carne bovina. O principal motor da destruição da Amazônia é a pecuária bovina extensiva.

Não se trata de apontar os pecuaristas como únicos responsáveis pela destruição da Amazônia e o caos social vigente, com altíssima concentração de renda e poder. Se o são, e quanto a isto não há dúvidas, não estão sozinhos; o consumidor representa parte importante deste processo, pois aceita esta situação, pactua a cada naco de carne que coloca em seu estômago.

Ademais, não são apenas os grandes pecuaristas, aquelas 23 mil propriedades rurais da Amazônia os únicos possuidores do rebanho. Há mais de 150 mil pequenos proprietários envolvidos na pecuária bovina extensiva; até porque se lhes apresentam poucas opções econômicas para a sobrevivência. Dedicam-se à pecuária pois a maior parte dos produtos e serviços que os ambientes naturais propiciam não encontram consumidor, não têm preço atraente, são de difícil escoamento, possuem restrições sanitárias não resolvidas, não apresentam tecnologia apropriada e, principalmente, os produtores rurais não estão qualificados para conviver harmoniosamente com a complexidade amazônica.

O resultado: 65 milhões de cabeças de gado ocupam a Amazônia. Três bois para cada habitante! Este número cresce rapidamente e deve chegar aos 100 milhões de cabeças até o fim da década!

Por quê? Primeiro, porque mais e mais gente quer comer carne. A principal razão do crescimento da pecuária está no aumento do consumo de carne em São Paulo, Rio de Janeiro e em todo o Sul e Sudeste do país, sem contar no ingresso da Amazônia no mercado exportador de carne.

Segundo, porque é mais barato produzir carne na Amazônia do que no restante do Brasil, e incomparavelmente menos custoso que outros países. O cumprimento da legislação ambiental é menos vigiado, a cada bifinho vendido a um barzinho em São Paulo, toneladas de solo, milhões de invertebrados, milhares de plantas e dezenas de mamíferos são comidos.

Mais grave: poucos se beneficiam com esta bovinária. A mão de obra é mal paga, a maioria dos 120 mil pessoas empregadas na atividade não possui registro em carteira. Sem falar na insignificância da pecuária como geradora de emprego: são necessários 8 milhões de empregos na região. Economicamente a pecuária é insignificante, gera pífios 0,04% do PIB brasileiro e apresenta índices de produtividade diminutos. O pecuarista auferia baixíssimos resultados financeiros. Seria melhor que aplicasse seus recursos na caderneta de poupança. Por que então insistir na pecuária?

2. A Pecuária x o ecoturismo

Você deve se perguntar: afinal, eu, interessado no ecoturismo, por que preciso saber tudo isto? Porque o pecuarista só é pecuarista por falta de opção, porque não teve a oportunidade de aprender outras profissões, porque o mercado das centenas de alternativas econômicas que poderiam tratar com respeito o ambiente e a população local é desprezado pela iniciativa pública e, principalmente, pelo próprio consumidor. Porque delegamos aos representantes do poder público de plantão a iniciativa de resolverem este assunto.

A resposta é clara: sim, há total correlação: se o ecoturismo der certo o pecuarista bandeia imediatamente para o lado do ecoturismo. Dá mais lucro, mais emprego, mais estabilidade, mais felicidade, mais saúde, mais liberdade, mais cultura, mais dignidade.

Eu sou filho de pecuarista, conheço os dois lados da cerca. Em Bonito, Mato Grosso do Sul, acompanhei, por mais de trinta anos, o Cerrado e a Mata Atlântica sendo comidos para dar espaço para boi. Nos últimos dez anos ocorreu uma mudança radical de comportamento. Os

sintomas: as queimadas diminuíram drasticamente, o desmatamento passou a ser insignificante, a caça caiu a níveis desprezíveis. Por quê?

Porque o ecoturismo passou a ser levado a sério, ainda que os órgãos públicos pouco tenham se dedicado à questão. Quem realizou esta mudança radical foi o próprio consumidor. Um conta para o outro: olha, ali, há uma cachoeira incrível. Aquela dona cozinha muito bom. Seu fulano tem cavalo bom. E se nós mergulharmos de máscara neste rio? E se sairmos flutuando neste “corguinho”?

O resultado: a pecuária já não é o principal empregador de Bonito e logo mais deixará de ser a principal fonte econômica. Enquanto uma fazenda com 2 mil hectares e mil bois emprega dois peões, um atrativo turístico com 50 hectares, de pequeno porte, emprega diretamente pelo menos três a quatro pessoas. Em duas horas um turista deixa a mesma renda de um mês de aluguel de pasto para um boi. A revolução é antes de tudo, econômica.

3. Planejamento e Compromisso econômico

Voltemos à Amazônia. Se não houver um compromisso econômico efetivo não há ecoturismo. Trabalho com planejamento de ecoturismo há mais de quinze anos. Sem um plano de negócios – um estudo efetivo da viabilidade do empreendimento ecoturístico – as suas chances de darem certo diminuem muitas vezes. Pode dar certo, mas o “achismo” e o “chutometro”, arte praticada pela imensa maioria dos empresários de ecoturismo, não são socialmente justos, são concentradores de renda e na maior parte, trazem grandes prejuízos ao meio ambiente.

Planejamento turístico é fundamental. Se as palavras: retorno sobre o capital, ponto de equilíbrio, fluxo de caixa descontado, LAIR, balanço, demonstração de lucros e perdas, plano de contas não fazem sentido para você, o ecoturismo tem poucas chances de acontecer na Amazônia.

A maior parte dos empreendimentos de ecoturismo na Amazônia foi feita por imitação. Um copiou o outro, que por sua vez viu nos Estados Unidos, ou no Nordeste algo parecido, tirou algumas fotos, chamou o carpinteiro para copiar, e assim por diante. Poucos são os que convocaram especialistas para realizar diagnósticos ambientais, sociais e econômicos, estudos de demanda, projetos arquitetônicos, estudos sobre o destino turístico e os atrativos.

Como sair desta situação na Amazônia? Certamente a capacitação dos empreendedores é fundamental – empreendedorismo ecoturístico.

4. O bioma amazônico

O bioma amazônico é o maior conjunto contínuo de florestas tropicais do planeta. Com mais de sete milhões de km², ocupa 50% da América do Sul, espalhando-se por nove países – Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana francesa, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil. O Brasil possui mais de metade da Amazônia continental, sendo o país com mais de 1/3 do que resta de florestas tropicais ao planeta. A Amazônia brasileira corresponde a 4,4 milhões de km², metade do território nacional, mais da metade do território nacional.

4.1. A Amazônia no mercado de ecoturismo

Não é difícil perceber a pequena presença da Amazônia no cenário turístico internacional. Quando se folheia quaisquer revistas internacionais de turismo de grande circulação, a Amazônia aparece de forma insignificante. Quando esta aparece, a maior parte das referências é para a Amazônia peruana, equatoriana, venezuelana ou das guianas. A Amazônia brasileira, com a exceção de alguns poucos *lodges* no entorno de Manaus, pouco participa do mercado internacional.

Sabe-se que com seu rápido crescimento nas duas últimas décadas, o mercado internacional de ecoturismo se tornou cada vez mais exigente e segmentado. Não basta dizer que o número de observador de pássaros é de milhões de pessoas na Europa ou nos Estados Unidos. É preciso aprofundar em termos geográficos, de interesses das espécies procuradas, das exigências relacionadas à idade e origem das pessoas.

Não é exagerado dizer que o Brasil está praticamente fora do mercado internacional de ecoturismo. No Brasil, o ecoturismo atende principalmente o mercado interno. **Mesmo internamente**, o ecoturismo representa menos de 3% do movimento turístico. A Amazônia deve participar com menos de 10% deste mercado. Mesmo atendendo menos de 1% da população brasileira, ele já movimentava mais de 2 milhões de viagens/ano, emprega mais de 50 mil pessoas e consegue contribuir visivelmente para a economia e a conservação ambiental de regiões onde outras atividades econômicas não são viáveis ou apresentam baixa rentabilidade, como Fernando de Noronha (PE), Lençóis Maranhenses (MA), e

Chapada Diamantina (BA). Em outras regiões, como Bonito (MS) e Brotas (SP) o ecoturismo já conseguiu desbancar atividades tradicionais como a pecuária extensiva. O Pantanal, que antes recebia milhares de clientes para uma pesca esportiva sem grandes critérios, está hoje se voltando ao ecoturismo, muito mais compatível com a sua conservação ambiental.

Na Amazônia o turismo representa cifras desprezíveis no Produto Interno Bruto (PIB), e o ecoturismo uma parcela ainda insignificante. Dificilmente alcança 1%. A maior parte das viagens é de turismo de negócios e de eventos. No Brasil o turismo representa menos de 3% do PIB, bem abaixo da média mundial próxima de 8%. Na maior parte dos países europeus o turismo está acima de 11% do PIB.

Para o público estrangeiro, a Amazônia não é uma prioridade, mesmo considerando que a região está presente no imaginário coletivo da Humanidade. Por que? Uma das mais difíceis razões de aceitar é que o mercado internacional tem pouca confiança no produto brasileiro.

Pode-se afirmar que menos de 0,16% dos 30 milhões de ecoturistas estrangeiros (aqueles que vão de um país a outro) escolhem a Amazônia brasileira como destino. Se considerarmos a Amazônia como um todo, menos de 1% do mercado mundial prefere a Amazônia (considerando aí o Peru, a Bolívia, o Equador, a Venezuela e as Guianas). Isto num cenário mundial de mais de 650 milhões de turistas.

4.2. A iniciativa pública

Nenhum estado da Amazônia tem no ecoturismo prioridade de governo. Nenhum estado ou município da Amazônia investe no ecoturismo mais de 1% de seu orçamento. Ou seja, o ecoturismo não existe na Amazônia do ponto de vista da iniciativa pública.

Na Amazônia, todas as iniciativas públicas para alavancar o ecoturismo como um efetivo instrumento de desenvolvimento sustentável até o momento foram de pequeno porte e de muito baixo impacto. Basta observar o que representa o turismo na agenda pública da federação, dos governos estaduais e dos poucos municípios que se interessam pelo assunto.

Apesar do PROECOTUR, lançado pelo governo federal há algum tempo, os seus resultados pouco afetam o mercado. Da mesma forma, as linhas de crédito do Banco da Amazônia, do FNO (Fundo Constitucional do Norte) pouco atraem investidores. Praticamente

não há tomadores de empréstimos para o ecoturismo na Amazônia. Os investimentos são realizados com recursos próprios ou parcerias empresariais.

5. Afinal, para que serve o ecoturismo?

O ecoturismo é “o reencontro do homem e da Natureza”. A reconciliação, o presente da Natureza ao homem, para que ele perceba seu verdadeiro lugar no Planeta, no Brasil, no dia-a-dia em que nos envolvemos.

Para gerar emprego e renda às populações locais, valorizar sua cultura, ao mesmo tempo em que conserva o meio ambiente, diminui a pressão sobre os recursos naturais, incentiva a pesquisa científica e a busca da harmonização do Homem com a Natureza.

O ecoturismo é o melhor instrumento econômico para a promoção da diversidade – a biodiversidade, a etnodiversidade, a diversidade cultural. Nenhum outro negócio interfere em tantos ramos da economia e da sociedade, revolvendo suas raízes mais profundas. Nenhum outro negócio é capaz, em tão curto espaço de tempo, provocar mudanças.

E no caso da Amazônia, com o boi capeta solto, comendo e churrasqueando a floresta, nós precisamos de mudanças radicais em curto prazo. Mudanças primeiro no comportamento do consumidor: você leitor, venha para a Amazônia, faça já sua reserva. A epígrafe de Claude Levi-Strauss na abertura deste texto é provocadora. Volte, releia-a, memorize-a. Ela dói, dói como a marca de ferro em brasa no couro do boi.

Em segundo lugar é preciso que o eleitor force mudanças radicais na postura do poder público – menos discurso e mais ação, menos stands bonitos em eventos de turismo e mais produtos turísticos, menos salamaleques e mais capacitação dos profissionais do *trade* ecoturístico.

6. Critérios para saber se é ecoturismo ou enganação

O ecoturismo não é uma modalidade de turismo. É um novo turismo, veio para substituir o que o turismo não conseguiu realizar. O CBTS – Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável apresenta diversos critérios para qualificar o que é ecoturismo. Para um rápido diagnóstico proponho oito pontos para saber se o que temos diante de nós é ecoturismo (não há uma ordem específica de importância dos itens abaixo):

- I. **O ecoturismo provoca mudanças incríveis em quem o realiza** – Você já tomou uma chuva numa tempestade amazônica? Já observou o fenômeno da Pororoca (acabo de retornar desta experiência e surfar em suas ondas explosivas, destruidoras e barrentas). Ou seja, o ecoturismo é de foro íntimo. Provoca mudanças permanentes, alegres e felizes. Segundo Rita Mendonça e Zysman Neiman “a grande maravilha, a verdadeira mina de ouro, é a experiência pessoal que se tem no contato com a Natureza. Essa experiência não é transferível. Ela é de uma amplitude tal que não pode ser traduzida em palavras”. Assim, “numa viagem de ecoturismo podemos questionar sobre o que é de fato necessidade, segurança, conforto. Um viajante aplicado pode surpreender-se com suas próprias respostas”.

- II. **O ecoturismo é um ótimo negócio para a economia local, gerando emprego e renda** – A comunidade local só abraçará o ecoturismo quando “a árvore em pé valer mais que a árvore no chão”. Estamos falando de verdadeira participação das comunidades envolvidas, dos proprietários rurais, guias, barqueiros, produtores de artesanato, fornecedores de alimentos, etc. A imensa maioria das empresas que opera ecoturismo na Amazônia fica com a maior parte do bolo, cedendo migalhas para a participação local. Há muitos casos em que as comunidades locais não são sequer consultadas e nada recebem em troca. Eu tenho vergonha de uma empresa de ecoturismo que paga quantias ínfimas para um show folclórico fajuto e deprimente, ou que contrata caboclos para se vestirem de índios, ou leva turistas para pescarem piranhas em áreas de abastecimento das comunidades. Estas empresas praticam a roubo e não o ecoturismo. Enfim, o ecoturismo só acontece quando cria riqueza local, quando respeita os ritmos e as ordens sociais, quando organiza a economia, gera empregos permanentes, fixos, especialmente para os jovens; gera dignidade, ajudando a controlar a migração rural e agregando valor aos produtos regionais (alimentos, artesanato, serviços etc.).

- III. **O ecoturismo respeita a Natureza** – Parece óbvio, mas não é. Impossível realizar uma caminhada na mata com mais de 15 pessoas, inconcebível desrespeitar os ciclos naturais de vida de plantas e animais, destruir a Natureza para praticar o ecoturismo. O ecoturismo só acontece quando se reconhecem os limites da Natureza, sua capacidade de carga é devidamente estudada e monitorada, quando a biodiversidade respeitada. Fundamental

reconhecer a força das estações climáticas, dos ventos, da umidade, das marés, das chuvas e tornar isto um atrativo *per se*. Na tentativa de controlar tudo dizemos: “foi ótimo, mas choveu!” Isto numa região que chove mais de 200 dias por ano e em algumas áreas mais de 3.500 mm.

- IV. **O ecoturismo controla a biopirataria** – Aquela arara, tucano ou preguiça que você acha bonitinha na entrada do hotel “de selva” é um estímulo à biopirataria. Lugar de bicho é no mato, ou em centros de pesquisa muito bem monitorados. Eu tenho vergonha de um projeto de ecoturismo que compra animais silvestres e os expõem como troféus. da natureza ao alcance dos turistas. Ademais, retirar jacarés da água não me parece uma atitude digna de um empreendedor de ecoturismo.
- V. **O ecoturismo gera negócios sustentáveis** - O verdadeiro ecoturismo permite criar diversos negócios em seu redor – produção de artesanato, alimento, geração de energia, etc. que diminuem consideravelmente a pressão sobre os recursos naturais, colaborando no controle do desmatamento, das queimadas, da coleta ilegal de madeiras, da sobrepesca, do garimpo, da caça, e assim por diante.
- VI. **O ecoturismo desperta em cada um a consciência ambientalista.** Para o sempre. O ecoturista está sempre preocupado com a saúde do Planeta e a relação entre sua saúde e a dos seres vivos. Não se trata do ecoturista de férias, que retorna para casa e se torna um selvagem cidadão urbano, subindo nas calçadas com sua possante camionete 4 x 4.
- VII. **O ecoturismo valoriza a cultura** – o verdadeiro ecoturismo é motivo de orgulho para a comunidade local. Valoriza, resgata e promove tradições, procura compreender a cultura do outro, sem impor a sua. Ecoturismo não é só ver passarinho ou golfinhos; é, principalmente participar do dia-a-dia das comunidades tradicionais no cuidar da Terra. O ecoturismo não substitui a cultura local. O verdadeiro ecoturista não quer ver um ambiente “preparado” para ele. Quem tem que se “preparar” para a nova experiência é o visitante.

VIII. **O ecoturismo promove o desenvolvimento social** – ecoturismo é sinônimo de respeito, dignidade, saúde, educação, estabilidade de emprego, cuidado com minorias, idosos, crianças. No ecoturismo não há crianças trabalhando, não há pedintes, não há crianças vendendo artesanato aos turistas, em trajes locais, com olhos de bovina suplicância.

Não é difícil perceber as dimensões amazônicas do desafio de transformar o ecoturismo em algo sério e competente para o desenvolvimento regional.

7. Empresários responsáveis

Se há uma única ação a realizar é formar empresários responsáveis para administrar o ecoturismo da Amazônia. É preciso tomar muito cuidado com aqueles que enxergam no ecoturismo apenas uma chance de rápida acumulação de capital. Auferir bons lucros da atividade bem feita é mais do que justo e merecido.

Responsabilidade social é a palavra chave. Combater a informalidade, o imprevisto, a falta de compromisso social e ambiental é o primeiro passo. O empresário que tem um negócio legalizado não faz mais que a obrigação. O que preocupa é a informalidade do ecoturismo. Muitos se aproveitam deste amorismo e se utilizam do ecoturismo para responder a outros interesses. Combater a concentração de renda é vital. Ecoturismo se faz com transparência e negociação, à exaustão.

Neste Brasil de legislações que “não pegam”, principalmente na área social e ambiental, há questões que são legais mas não éticas. Uma delas é o desmatamento. O IBAMA emite uma autorização para desmatar. É legal, está dentro da lei, mas não é ético. A ética planetária não admite um único metro quadrado de desmatamento da última grande floresta tropical do Planeta. De que lado está o ecoturismo? Da lei ou da ética? Da ética planetária ou da lei feita pelos interesses de plantão?

Muitos empreendimentos que se apresentam como de ecoturismo são até imorais – exploram a mão de obra local. O que os mantém abertos é a própria tolerância do visitante, de seus parceiros econômicos, das autoridades, de seus vizinhos, enfim, a tolerância do mercado. Como tolerar, por exemplo, uma pousada que não tem seus empregados registrados? Que paga valores de esmola para eventos folclóricos locais ou pelo artesanato “autêntico” e os

revende a preços exorbitantes? Que não protege seus mananciais, ou não trata seus esgotos? Que não possui um sistema adequado de disposição do lixo?

Neste cenário há diversas iniciativas bem intencionadas, empreendedores sérios, que querem acertar, que respeitam as regras básicas do negócio e da ética, que merecem grande atenção. É preciso destacar as iniciativas de turismo sustentável de Mamirauá (Tefé, AM), Aldeia dos Lagos (Silves, AM) e de Pedras Negras (Costa Marques, RO).

8. Promoção da Amazônia

Num cenário nacional e internacional altamente competitivo não é possível promover a Amazônia com os poucos recursos humanos e financeiros disponíveis. Pior: se adotados os padrões usuais de promoção turística o que se pode alcançar a curto e médio prazo é muito pouco.

Não podemos contar com os mesmos canais de promoção turística para a Amazônia que existem hoje.

A melhor promoção que podemos realizar para a Amazônia é dar a oportunidade para que os visitantes falem dela. No web-site oficial, oferecer espaço para blogs, artigos, manifestos, realizar pesquisas.

O diretor de turismo da Costa Rica, Alberto Salas, em 2003, informou-me que o principal vetor de divulgação do país é o boca-a-boca e os muitos livros que os turistas escreviam sobre sua experiência. A Costa Rica recebe 1 milhão de turistas, mais de 80% para o ecoturismo, gerando US\$ 1.1 bilhão (o primeiro produto do país) porque, entre outras razões, 86 pessoas escreveram livros, diários, guias sobre sua maravilhosa visita ao país.

A Amazônia merece mais criatividade. É preciso abordar a questão do consumo consciente quando se fala de Amazônia. Chamar para o sentido de brasilidade que há em visitar a região e no caso do turista internacional, de seu compromisso planetário. Na década de 1990 deparei-me com uma pesquisa alemã que informava que 36% dos alemães e austríacos sonhavam em, um dia, conhecer a Amazônia! Digamos que isto seja exagerado e que apenas 5% dos norte-americanos, japoneses e europeus queiram, um dia em suas vidas, visitar a Amazônia. Será que não poderíamos substituir a pata do boi pela sandália do ecoturista?

Para aquele casal de aposentados de Kioto, Japão, não importa se ele irá para Letícia na Colômbia, para Iquitos, no Peru, para um parque no Beni, na Bolívia ou para Belém, no Pará.

Ele irá para a Amazônia. Ademais, o ecoturismo pode unir a Amazônia continental. Ao invés de continuarmos de costas para o Peru, a Bolívia, o Equador e os demais países, por que não oferecer ao mundo uma experiência única onde o visitante conhece, em uma só viagem, Machu Pichu, o encontro das águas do Negro e o Solimões e a pororoca?

É uma falta de visão absurda a promoção da Amazônia de forma isolada, seja fatiada em estados, seja esartejada em países. Os países onde há a cultura maia já perceberam a importância de tratar da questão pelo viés cultural e não pelas fronteiras nacionais. Se eu quero conhecer a cultura maia, pouco me importa se hoje este território está na Guatemala, em Belize, em Honduras ou no México. Claro que, uma vez em um destes países há muito que aprender e desfrutar, porém, o principal gancho que me levou a conhecer esta região, e que me fez poupar para visitá-la, é a cultura maia.

No caso da Amazônia estamos perdendo tempo tentando diferenciar o que o estado do Amazonas tem de melhor de Mato Grosso, que o Pará é o portal da Amazônia, etc. e etc. Ninguém ganha neste processo, somente os outros destinos ecoturísticos mais bem estruturados.

Também é louvável contar com os esforços de governos estaduais promovendo a Amazônia em outras partes do país e do mundo. No entanto, se o estado pretende optar pelo ecoturismo terá que efetivamente adota-lo como um eixo de desenvolvimento. Nenhum governo é sério se não adotar ações concretas para desestimular as atividades predatórias. Como pode um estado promover a soja e a pecuária bovina extensiva ao mesmo tempo em que quer atrair ecoturistas?

Como pode um fazendeiro querer o ecoturismo em sua propriedade rural se continua a desmatar, a bloquear riachos para fazer represas artificiais, a cavar valos para a drenagem de água, a promover a caça e a pesca de maneira indiscriminada? A cortar árvores que não precisariam ser cortadas, somente para fazer a cabana para o turista?

9. Os verdadeiros valores que fundamentam o ecoturismo

Palavras de Rita Mendonça e Zysman Neiman: “Que seria de nós se não a tivéssemos perto ou longe, para nos dar a esperança de um dia nos tornarmos dignos de nossa rica experiência humana? A floresta simboliza o próprio processo de aprendizado da vida. Ela dá sentido às atividades humanas. Ou melhor, ela nos faz questionar o sentido do que fazemos”, e

continua: “Quando entramos em uma área natural quase sempre nos sentimos bem, percebemos que alguma coisa muda. Quanto mais nos aprofundamos nessa relação, nessa intimidade com os elementos naturais, percebemos que ali há uma grande escola que nos proporciona uma das raras oportunidades que temos para realmente evoluir.”

O ecoturismo só ocorrerá se houver uma mudança radical. Esta se inicia por nós mesmos, novas posturas de vida, novas visões. Sem concessões. O filósofo alemão Hans Magnus Enzenberger afirma que o "o tempo, a autonomia, o espaço, a tranqüilidade, o silêncio e o ambiente ecologicamente saudável” estão cada vez mais escassos na sociedade. O ecoturismo propõe respostas concretas a estas questões, de uma maneira criativa e que se renova a cada dia. Não é um produto pasteurizado, em série, para contentar grandes massas. De maneira diversa, permite a cada ser uma experiência relevante, enquanto habilita a repartir, com seu pequeno grupo, esta oportunidade única.

O ecoturismo não se apresenta apenas como mais um segmento do turismo tradicional, um simples ganha-pão, um bom negócio. Os empreendedores, guias, barqueiros e profissionais de ecoturismo que não mostrarem os olhos brilhando, marejados de paixão, não merecem ser os abre-alas e os porta-estandartes da Natureza.

E só haverá ecoturismo na Amazônia se o desmatamento e a queimada diminuïrem, se nos comprometermos a mudar. A opinião pública mundial costuma bombardear o Brasil pela sua forma irresponsável de tratar a Amazônia. Não será a hora de assumir esta triste realidade? Não será este o momento de chamarmos os formadores de opinião mundial a nos auxiliarem no processo de mudança de comer a Amazônia? Ao invés de “comer” carne, soja, ouro de garimpo, madeira roubada vamos “comer” ecoturismo, castanha-da-Amazônia (o que chamamos de castanha-do-pará), sabonete de muru-muru, perfume de priprioca, artesanato de gurumã, etc.

10. Você, profissional de ecoturismo

Se há uma profissão que depende de um profundo envolvimento, preparo, compromisso com as pessoas e a Natureza, paixão, esta é o ecoturismo. O visitante que economizou anos a fio para conhecer a maior floresta tropical do Planeta, reino da biodiversidade por excelência, não merece um guia mediano ou sofrível, um dono de pousada ou de restaurante que apenas o vê com cifrões na língua.

O ecoturismo utiliza binóculos que enxergam riquezas onde as atividades tradicionais (a agropecuária, mineração etc.) apenas vêem “área sem utilidade”: é o barulhinho do riachinho, a cachoeira de pedras escorregadias, a revoada de pássaros no fim de tarde, os cipós entrelaçados na árvore, a sofreguidão de um bicho-preguiça, desmaiado de alegria, a podridão da árvore servindo de ninho ao pica-pau, os rios transparentes, cantarolando... A intenção não é dar utilidade e preço a tudo o que aparece pela frente – ao selvagem, ao vento, ao Sol – e sim protegê-los, cuidar para que a ganância e a cobiça não os explorem.

O ecoturista quer mais do que ver macaco e árvore, quer participar da vida cotidiana dos comunitários, sentir o cheiro da tempestade tropical, sair para o mato pra coletar borracha, quebrar castanha, ir para a espera, ver se o matapi está cheio, acompanhar a vazante, atracar-se num caldo de peixe com farinha, ralar mandioca, passar a mandioca no tipiti, secar a mandioca, seguir de montaria para a vila, sorver o tacacá apertando o jambu nos dentes, sentir o cheiro das queixadas no mato, ver menino subir na palmeira açai para cortar o cacho, tirar a espinha da apaiari...

A força do ecoturismo está nesta capacidade, a de abrir os olhos, permitir que se fareje, sintam, respirem, ouçam a Natureza. Mais que aeroportos, lanchas rápidas, equipamentos de última geração, o ecoturismo exige pessoas sensíveis, interessadas no destino das comunidades tradicionais e na mãe Natureza, capazes de reconhecê-los e reverenciá-los a cada passo. Mais que investir em infra-estrutura é preciso investir em bons guias e monitores, prepará-los para serem os abre-alas da Natureza, despertando neles o que depois ele despertará em seus clientes. Mais que os nomes científicos e as datas históricas, a interação do homem e da Natureza, a compreensão dos ciclos vitais que tornam a Amazônia única e una.

11. Os estudos do meio

Se há uma modalidade de ecoturismo que merece imediata atenção é o estudo do meio – levar ao campo o que se trata nas salas de aula das escolas formais – da pré-escola à universidade. Nós do trade ecoturístico precisamos empreender uma campanha para incluir a Amazônia no currículo escola brasileiro – os “Estudos Amazônicos”, somente assim teremos um público interessado em conhecer a região. Nunca é demais mencionar que só se preserva o que se conhece, só se quer visitar o que se conhece.

É muito imaginar que cada estudante universitário brasileiro, ao menos uma vez,

durante seu período de formação, visite a Amazônia? Seja para conhecer o seu próprio país como cidadão, seja para participar da definição dos destinos da maior floresta tropical do Planeta? É muito solicitar que cada escola tenha um canto em sua biblioteca e videoteca denominado “Canto da Amazônia”?

Além disto, será que não há pais neste Brasil interessados em verem seus filhos conscientes e conhecedores da realidade deste país? Será que não é o momento de oferecer como rito de passagem pelos seus 15 anos, uma viagem à Amazônia? Que melhor presente os pais podem dar do que a educação integral a seus filhos? Eu tive esta oportunidade e por isto estou aqui escrevendo estas palavras. A viagem que mais me marcou em minha vida, foi uma expedição à Amazônia com meu irmão Renato, ele aos 15, eu aos 16 anos.

12. Despedida

“Trata-se de salvar, enquanto é tempo, toda uma fonte prodigiosa de vida para que, ao florescer amanhã, faça da Amazônia o grande jardim terrenal que os homens do futuro desejarão ver, cheirar, sentir, admirar.” Darcy Ribeiro

O que os empresários, gestores públicos e demais profissionais de ecoturismo necessitam é, primeiramente, aceitar o que é o ecoturismo, reconhecerem-se como ecoturistas, comprometerem-se com a causa. Ecoturismo além de um bom negócio é uma causa, uma razão de ser. Assumir a vocação. Em nosso caso específico, a vocação pela Amazônia. Sem concessões.

Está mais do que provado que é possível substituir as atividades predatórias em uma geração. Em 30 anos podemos transformar radicalmente a Amazônia. Se fomos capazes de destruí-las em 30 anos certamente seremos capazes de barrar a destruição e reergue-la, com dignidade e paixão.

A Amazônia conheceu cinco séculos de depredação, matança de populações nativas, sacrifícios sociais e ambientais, que estão entre os maiores da história humana. Está na hora de optar por um caminho econômico, pela trilha do ecoturismo, que envolve os caboclos, a floresta, as tradições, os nossos próprios encantos e sonhos.

Os ocupantes do poder público precisam meditar seriamente sobre o papel do ecoturismo para a sustentabilidade econômica e social da Amazônia. Não basta absorver o discurso ambientalista das organizações do terceiro setor, é preciso adotar medidas reais, representativas, que signifiquem mudanças.

A primeira medida é a capacitação. Investir em cursos, seminários, visitas de campo, publicações, programas de rádio, tv, conteúdo de internet. Sem acesso à educação para o ecoturismo nada se alcançará.

O ecoturismo permitirá ao Brasil inserir a Amazônia em agendas internacionais com respostas positivas, em substituição à pecuária e a outras atividades destrutivas.

No entanto, tudo se inicia com a sua visita à Amazônia. A verdadeira visita, de completa integração com seus representantes, árvores, águas e animais. Visitar a verdadeira Amazônia é uma experiência marcante e indelével. Tudo que é autêntico e genuíno é bom, é positivo. O ecoturismo só busca o autêntico e genuíno, não há lugar na Amazônia para parques temáticos.

Não fique aí parado, pensando, pensando. Aja. Pegue, ou compre a sua rede e venha visitar a verdadeira Amazônia, sentir a extrema simpatia e cordialidade de seu povo, experimentar sua música, culinária, sentir seus cheiros, passear pelos ambientes naturais. Como dizem os paraenses, venha tomar o açaí e se encantar pela Amazônia.

João Meirelles Filho – Dirige o Instituto Peabiru, com sede em Belém, PA – www.peabiru.org.br, que trabalha com planejamento de ecoturismo, cidadania amazônica e capacitação em gestão e mobilização de recursos para o terceiro setor. É autor de livros como “Livro de Ouro da Amazônia” (Ediouro 2004), “Amazônia, o que fazer por ela” (Cia Ed Nacional, 1985), “Guia Brasil de Turismo Ecológico” (Index, 1991), “Ecoturismo no Brasil” (Embratur, Letras Brasileiras, 2002). Colaborou para OSCs no Brasil e no exterior, e, em especial à SOS Mata Atlântica, Instituto de Ecoturismo do Brasil (IEB), Instituto Ecofuturo (Parque das Neblinas, Bertioga, SP), Camping Clube do Brasil. É líder-parceiro da Fundação AVINA, diretor de ética da ABCR – Associação Brasileira dos Captadores de Recursos e vice-presidente da IAERT – International Association of Rural Tourism Specialists.

Web-sites de interesse:

Locais de turismo comunitário no Brasil:

- Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização da sociedade civil que atua na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, em Tefê, Amazonas, onde opera a Pousada Flutuante Uacari – <http://www.mamiraua.org.br>;
- ASPAC - Associação de Silves para Preservação Ambiental e Cultural, de Silves, Amazonas, que opera a pousada Aldeia dos Lagos – <http://www.viverde.com.br/aldeia.html>;

- Parceria entre a Organização dos Seringueiros de Rondônia, Associação dos Seringueiros do Vale do Guaporé e da Ação Ecológica Guaporé (Ecoporé), que operam a Pousada Pedras Negras, na Reserva Extrativista de Pedras Negras e Curralinho, Rondônia, http://www.pedrasnegras.com/index_english.htm;
- A empresa Bananal Ecotour, do Instituto Ecológica, organização sem fins lucrativos, de Tocantins, opera o ecoturismo no Araguaia, Jalapão e outros destinos - www.bananalecotour.com.br;
- Mesmo fora da Amazônia, vale a pena verificar o exemplo do Ceará – a Prainha do Canto Verde – experiência de ecoturismo comunitário - http://www.fortalnet.com.br/~fishnet/efolder_pcv3.htm;

Organizações ambientalistas de dedicadas ao tema, no Brasil:

- Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável – www.cbts.org.br - reunião das principais organizações do país para a definição de condições básicas para a operação do turismo sustentável no país;
- Ecobrasil – uma das mais antigas organizações do setor – www.ecobrasil.org.br
- Fundação O Boticário – www.fundacaooboticario.org.br
- Instituto de Hospitalidade – Programa de Certificação em Turismo Sustentável – PCTS - www.pcts.org.br - o único programa de certificação em curso no país;
- Instituto Physis Cultura & Ambiente – www.physis.org.br - dirigido pelo autor de diversos livros sobre o tema, Zysman Neyman
- Instituto de Ecoturismo do Brasil – www.ecoturismo.org.br - organização associativa de caráter nacional, da qual o autor foi presidente por oito anos;
- Instituto Peabiru – www.peabiru.org.br - que realiza trabalhos de planejamento de ecoturismo para propriedades privadas, onde trabalha o autor;
- IUCN – União Internacional para a Conservação da Natureza – www.iucn.org
- The Nature Conservancy – www.tnc.org.br;
- World Wildlife Fund – http://www.wwf.org.br/projetos/siteturismo_principal.htm - que apoia alguns dos programas acima mencionados;

Para quem lê em espanhol:

- CCAD - Comisión Centro Americana de Ambiente y Desarrollo PROARCA – Programa Ambiental Regional para Centroamerica – ver página de Turismo Sostenible y Ecoturismo - www.proarca.org/p_apm5.html

Para quem lê em inglês:

- Conservation International – www.conservation.org
- Rain Forest Alliance - <http://www.rainforest-alliance.org>
- Sharing Nature Foundation – www.sharingnature.com - a organização criada por Joseph Cornell, que conta no Brasil com o Instituto Romã, dirigido por Rita Mendonça, como seu representante;
- The International Ecotourism Society – www.ecotourism.org - organização internacional com mais de 1700 associados de mais de 70 países;
- The Nature Conservancy – www.nature.org/ecotourism - uma das principais organizações ambientalistas do planeta, dedica diversos esforços ao ecoturismo;

Bibliografia indicada com breves comentários:

BELETSKY, Les, *The ecotraveller's wildlife guide to Costa Rica*, 1998 – modelo de guia de turismo, elaborado com o necessário esmero que o tema merece.

BLAKE Beatrice, BECHER Anne, *The new key to Costa Rica*. Ulysses Press, Fourteenth Edition, 1ª ed de 1993 – igualmente, um guia exemplar.

CORNELL, Joseph; *Brincar e aprender com a natureza : um guia sobre a natureza para pais e professores / Joseph Cornell: tradução: Maria Emilia de Oliveira.* _ São Paulo: Companhia Melhoramentos: Editora SENAC São Paulo, 1996 – (Receitas práticas) – Cornell representa a quintessência da educação ambiental. Impossível tratar de ecoturismo sem conhece-lo e sem realizar os workshops oferecidos pelo Instituto Romã sobre o tema.

DRUMM, Andy e MOORE, Alan, *Introdução ao planejamento de ecoturismo vol I, The Nature Conservancy, Arlington, VA, USA, 2003* – manual com preciosas dicas, rica bibliografia e de grande praticidade.

EAGLES, Paul F.J., McCool, Stephen F. and Haynes, Chistopher D.A. (2002). *Sustainable Tourism in Protected Areas: Guidelines for Planning and Management*. IUCN Gland, Swiitzerland and Cambridge, UK. Xv + 183 pp. – bem organizado, inspirador.

HONEY, Martha, *Ecoturism and sustainable development: who owns paradise?*. Island Press, 1999 – um livro que questiona o papel do ecoturismo e seus impactos. Martha Honey é uma das melhores autoras no tema.

MEIRELLES Filho, João Carlos. *O livro de ouro da Amazônia: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 – trata a Amazônia com o carinho que merece e urgência que demanda ações imediatas.

MENDONÇA, Rita e NEIMAN, Zysman, *À sombra das árvores*, Editora Chronos, Campinas, 2002 – discute a importância dos estudos do meio, imperdível!

MOLINA, E., Sergio ; *Turismo Ecologia*; tradução Josely Vianna Baptista. – Bauru, SP: EDUSC, 2001. 222p.: il.; 21 cm – (Coleção Turis) – um clássico no tema.

NEIMAN, Zysman, organizador, *Meio Ambiente, educação e ecoturismo* – Barueri, SP: Manole, 2002 – Meiman está entre os melhores pensadores das questões maiores que envolvem o ecoturismo e os estudos do meio.

PNUMA, Secretaria del Convenio sobre la Diversidad Biológica: *Diversidad Biológica y Turismo: Desarrollo de Directrices para un Turismo Sostenible en Ecosistemas Vulnerables* – excelente manual!

ZAMORANO Casal, Francisco Manuel; *Turismo Alternativo: servicios turísticos diferenciados: animación, turismo de aventura, turismo cultural, ecoturismo, turismo*

recreativo. –México: Trillas: 2002. 336p.: il; 24cm – a coleção desta editora é a melhor que existe em espanhol, o que a torna bastante acessível a quem versa em língua portuguesa.

WEARING, Stephen, John Neil; Ecoturismo: impacto, tendencias y posibilidades:Editorial Síntesis, 1999 (Gestión turística) – tradução de outro clássico, cujo original é em inglês.

WWF - Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável. Organização:Sylvia Mitraud - Brasília : WWF Brasil, c 2003. 470p.:il. – o WWF esmerou-se bastante para produzir este manual.